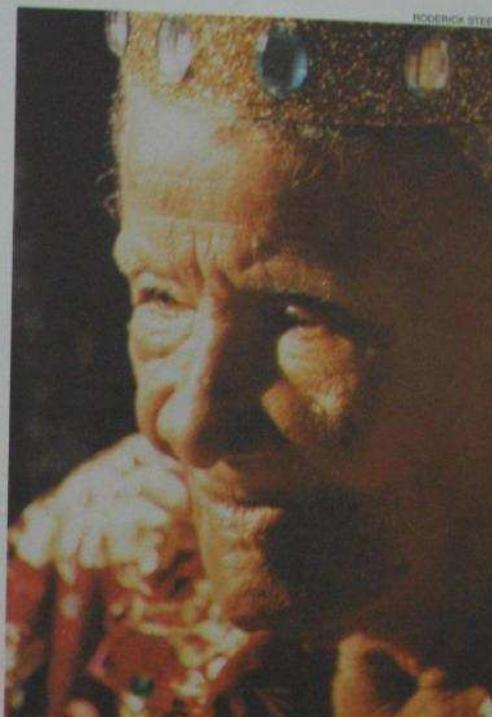


## Maracatus, Cambindas, Pretinhas de Congo

# Herança negra diversificada no carnaval do interior



Dona Mariu, rainha do maracatu-nação Estrela Brilhante de Igarassu, no carnaval de 1998

**N**o interior de Pernambuco, algumas cidades desenvolveram tradições próprias, pouco conhecidas da população da Capital. É o caso das cambindas, do Maracatu de Caruaru, das Pretinhas do Congo e do Maracatu Estrela Brilhante de Igarassu. Algumas dessas manifestações vieram a desaparecer, ou a ser desativadas, sem que houvessem sido documentadas, em razão do desinteresse e da falta de apoio das autoridades e das elites locais.

### Maracatu Estrela Brilhante

*Vieram cumprir, a nossa missão.*

*Vieram cumprir, a nossa missão.*

*Estrela Brilhante, sustenta o seu reino.*

*Igarassu, é bonita a sua nação.*

No centro histórico de Igarassu, em terras do patrimônio da extinta Irmandade do Rosário, vive uma

comunidade de negros, descendentes dos antigos membros daquela instituição, os quais mantêm vivas algumas das antigas tradições lúdico-religiosas. Tal como em outros grupos da devoção do Rosário, a celebração dos festejos de reis negros tomou a forma do folguedo maracatu, passando da festa da padroeira para o Carnaval.

A comunidade mantém o Maracatu-Nação Estrela Brilhante - segundo a tradição oral, desde 1824. É, portanto, uma das mais antigas agremiações do gênero no Brasil.

No início dos anos 80 do século XX, após o falecimento de seu dirigente (Manoel Próximo de Santana, conhecido como "Seu Neuza"), e o acometimento de paralisia dos membros inferiores da sua esposa, a rainha (Maria Sêrgia de Santana, conhecida como "Dona Mariu"), o Maracatu foi desativado. A partir do Ciclo Junino de 1993, membros da Comissão Pernambucana de Folclore iniciaram

atividades com vistas à reativação do folguedo, procedendo, ao mesmo tempo, a documentação da memória histórica e das toadas do grupo.

Em janeiro de 1994 foi realizada a cerimônia de coroação dos novos reis, pelo Padre Luiz Theus, pároco da Matriz dos Santos Cosme e Damião, em cerimônia realizada nas ruínas da Igreja do Rosário, retomando a tradição.

*Nosso rei pediu*

*Licença a São João,*

*Para coroar, ô cambinda,*

*A nossa nação.*

A partir de então, as autoridades municipais - que haviam estado reticentes - resolveram subvencionar o grupo, assumindo quase inteiramente as despesas com vestuários e adereços. Em contrapartida, o grupo passou a representar a identidade cultural de Igarassu.

A organização do cortejo do Maracatu Estrela Brilhante não difere dos maracatus de baque-virado do Recife.

Porta-estandarte, rei, rainha (sob pódio), príncipe e princesa, dama-do-paço (com a boneca), dama-do-buquê, damas-da-corte e baianas. A orquestra, de percussão pesada, com predominância de tambores com afinação em cordas, caixas-de-guerra e gonguê.

A especificidade do Maracatu Estrela Brilhante de Igarassu está em algumas das suas toadas, que lhe são exclusivas, bem como nas coreografias.

### Cambindas

Cambinda, palavra variante do topônimo "Cabinda", região da África acima da foz do rio Congo, hoje integrada na República de Angola, foi denominação gentílica para os negros procedentes daquela localidade, ou ali embarcados nos navios negreiros para o Brasil.

Os cambindas eram tidos pelos senhores de escravos como afáveis, joviais e pouco dados ao trabalho pesa-

do, tendo-se constituído, de preferência em elementos do serviço doméstico urbano.

Cambinda foi também a denominação adotada por diversos grupos de maracatus de Pernambuco: Cambinda Velha, Cambinda Nova, Cambinda Estrela, Cambindinha, Cambinda de Ágria Preta. Até o Maracatu Elefante - de Dona Santa - é referido em algumas loas como "cambinda Elefante".

Câmara Cascudo, no livro *Male in Africa*, afirma que "cambindas" foi a modalidade primitiva dos maracatus de Pernambuco. Como manifestação autônoma vem mencionada apenas por Rodrigues de Carvalho, em *Cancioneiro do Norte*, que diz, unicamente: "na dança cambindas os dançadores levam o tempo todo acorcorados, num movimento de sapos, que obedece à música" situando o grupo na Paraíba, sem identificar a localidade, talvez tomando "Paraíba" na acepção da antiga denominação da capital do Estado. Oneyda Alvarenga inclui as cambindas na relação das manifestações extintas. Na década de setenta, do século XX, tivemos oportunidade de estudar, com Osvaldo Trigueiro, os grupos de cambindas ocorrentes em Faperóá - Cambinda Nova - e Lucena - Cambinda Brilhante (Cambindas da Paraíba, Caderno de Folclore n. 26 - CDFB). Pouco depois comprovamos a existência de grupos de cambindas nos municípios pernambucanos de Ribeirão, São Bento, Pesqueira e Triunfo. Newton Taumaturgo (A rainha era macho. Diário de Pernambuco, Cartas, 25 fev., 1980) registrou a ocorrência de um maracatu no município de Panelas, cujo mestre chamava-se Ladislau Felipe Santiago.

Pelas características de suas músicas e de suas danças, as cambindas se diferenciam entre si e não apresentam semelhanças com as formas de maracatu como nós conhecemos hoje, nem o maracatu-nação-africana (de baque-virado), nem o maracatu-rural (de orquestra). Talvez encontrem semelhanças com outro tipo de maracatu desaparecido no Recife, ou que tenham se formado diretamente dos folguedos de reis negros, que integraram as festas de Nossa Senhora do Rosário. Poderiam ter, assim, uma origem comum com os maracatus.

#### Cambindas de Ribeirão

Ribeirão, município da zona canavieira do sul do Estado, mantém um dos mais animados carnavais interiores. Na quinta-feira antes do carnaval a cidade se movimenta para participar do cortejo das "cambindas", um grupo carnavalesco sui generis: crianças, adolescentes e jovens adultos,



O caboclo de lança é um dos personagens do maracatu de baque solto, cuja origem está possivelmente associada às cambindas e às coroações de reis negros nas festas de Nossa Senhora do Rosário. Baiana, rei, rainha e dama do paço aparecem nas cambindas e nos dois tipos de maracatu



Pretinha do Congo, da vila de pescadores do baldo do rio, em Goiana

a maioria de classe média, movimentam a cidade com um folguedo originário das antigas comunidades de cultura negra do Nordeste. Vestidos em trajes femininos, rapazes e moças, pintados de preto, compõem os cordões do cortejo. No passado o grupo fora exclusivamente masculino. Além das baianas, o grupo é integrado por rei e rainha que desfilam sob pálio e pelas damas que conduzem bonecas pretas de puro. O grupo mantém organização

orquestra, com um único instrumento de sopro - o trombone-de-vara - a percussão predomina (caixa e tarol). A meninada acompanha o grupo fazendo mela-mela com as sobras do material usado na pintura das baianas: carvão, dissolvido em óleo comestível e melaço.

#### Cambindas de Triunfo

O município de Triunfo, entre as manifestações de cultura negra man-

teve em seu carnaval a Cambinda Velha. Embora se considere as áreas do sertão predominantemente de cultura ibérica, existem núcleos de população de descendentes de africanos, com manifestações culturais próprias. Na zona rural, já na divisa com o município paraibano de Princesa Isabel, o vilarejo do Livramento tem uma população predominantemente negra que, segundo a tradição oral, teria se originado de antigos quilombos.

Os últimos dirigentes da Cambinda Velha eram, porém, residentes na área urbana de Triunfo, vivendo da prática da agricultura de subsistência em roçados na periferia da cidade ou empregados em serviços urbanos. O mestre, João Rufino, entrevistado em fins da década de setenta, quando já contava com mais de 80 anos de idade, acreditava ser da quarta geração da sua família à frente da brincadeira. Ao que parece a Cambinda Velha teria sido, inicialmente, um brinquedo exclusivamente masculino. Em suas últimas apresentações o grupo era constituído pelas "cambindas", homens e mulheres, vestidos de baiana, em trajes predominantemente brancos. Uma das "cambindas" conduzia uma boneca de pano, renovada a cada ano, uma vez que era estraçalhada pelos foliões, ao final da brincadeira, muito alegres com as bebidas ingeridas ao longo do percurso do desfile.

*Ô cambinda, tu segura o saia se não se atrapaia de tanto dançar*

*É maxixe, é samba, é balalaio, da festa só saio quando se acabar*

As músicas eram próprias do grupo e bastante tradicionais, embora o tirador das loas pudesse fazer improvisos em homenagem aos donos das casas visitadas ou às autoridades.

*Vou dançar no toque no chucão, hoje num trabalho, nós quer brincar*  
O grupo descia de sua sede, no Alto da Mata, visitando as casas das pessoas conhecidas, onde se lhes ofereciam bebidas e comidas.

*A gente pobre brinca mais os nobre só falta os cobre pra nós se acabar.*

#### Cambinda Velha de Pesqueira

No Carnaval e em ocasiões especiais, sai às ruas de Pesqueira a "Cambinda Velha", que teve Aprígio do Amaral, barbeiro de profissão, como seu mestre, que gritava através de um megafone - improvisado em folha de flandres - e o bloco respondendo:

*Há! Há! Há! Cambinda. Há! Há! Há! Cambinda*

*Onde é seu natural? Na casa número cinco*

*Da Rua Imperial.*

São homens de idades e profissões variadas, nem todos negros, vestidos de baiana, em trajes brancos e chapéus femininos lembrando as melindrosas. À frente, o porta-bandeira leva um pequeno estandarte com o nome do grupo.

*Sai! Sai! Sai! Dona da casa quem manda é Luanda*

Uma das cambindas conduz a boneca de pano chamada Dona Cordulina.

*Oh dona Cordulina Princesa real Brincou o ano todo. Pra não brincar carnaval*

*Já chegou no porto Dois navios de guerra*

*Foi Cambinda Velha Que baixou em terra.*

*Estrela do Norte Cruzeiro do Sul Viva a baiana Do maracatu!*

*Eu vi passar...*

#### Cambinda Nova de Caruaru

Em seus anos de ouro, o Maracatu Cambinda Nova, de Caruaru, recebeu o apoio e o incentivo da população da cidade, especialmente dos grandes comerciantes locais. Pouco a pouco os velhos amigos financiadores do maracatu foram morrendo ou migrando para o Recife e as autoridades e as novas gerações se interessando apenas pelas novidades chegadas pela televisão.

Segundo a tradição recolhida pelo maestro Guerra Peixe, no livro *Maracatus do Recife*, este folguedo surgiu em Caruaru nos princípios do Século XX, fundado por um negro conhecido como Mané Taliano, que havia sido membro do extinto maracatu



Em Ribeirão, dama da boneca dança de braço dado com outra cambinda. Vestidos em trajes femininos, homens, mulheres e crianças compõem os cordões do cortejo, pintados de negro

recifense Cambinda Velha. Com a morte do fundador, os companheiros continuaram a brincadeira, passando a chamá-la de "Cambinda Brilhante". Mais tarde, por volta de 1946, tomou o nome de "Cambinda Nova".

Ao som do canto "*Cambinda Nova, onde é tua morada? No outro lado da ponte naquela casa caída*", ia descendo do Alto de Santa Rosa o Maracatu Cambinda Nova, cruzava a Ponte Velha e entrava no centro de Caruaru tocando seus tambores de forte percussão. À frente, duas baizas e o porta-estandarte, seguidos por um grupo de baianas, no meio do qual dançavam o rei e a rainha sob o pátio. Uma das baianas conduzia a boneca. Ao final, a orquestra fechava o cortejo.

Guerra Peixe observou que "*tanto na melodia quanto no texto a cantoria de Cambinda Nova sobreleva a mistura de elementos heterogêneos, originais dos velhos maracatus recifenses, dos pastoris e dos cocos, salientando-se vantajosamente a influência destes últimos, que alcançam inclusive caracterizar o estilo de interpretar os cânticos*". A fusão dos elementos, constatada pelo maestro, garante à Cambinda Nova, de Caruaru, uma especificidade única entre as manifestações culturais brasileiras, pois

sendo organizado segundo o modelo dos cortejos oriundos dos festejos de reis negros, libertou-se pela criatividade dos seus membros, da motivação oriunda do Recife e sob a influência da cultura local, descobriu seu caminho na re-elaboração do canto, ritmo e melodia de sua música.

No início da década de oitenta o "Cambinda Nova" já não saía. Os seus dirigentes continuavam, porém, na mesma "*casa caída, do outro lado da ponte*", do Alto de Santa Rosa.

Cambinda Nova vai ficando somente na saudade, no registro do maestro Guerra Peixe, na referência episódica da literatura caruaruense e no documentário da cerâmica do Alto do Moura, desde que Zé Caboclo, Manoel Eudóxio e outros ceramistas incorporaram suas figuras ao elenco dos bonecos de barro.

#### Pretinhas do Congo

*As pretinhas lê-lê, as pretinhas lá-lá.*

*Aruenda, qui tenda, tenda qui tenda, tenda qui tendedô...*

As Pretinhas do Congo são, também, um folguedo carnavalesco originário das Festas de Reis Negros, ocorrente em Goiana, onde observamos, pela primeira vez, no ano de

1977, o grupo era então dirigido pelo babalorixá Heleno, que mantinha o centro de xangô na Rua do Rio. Depois de sua morte, o grupo dividiu-se e Goiana conta hoje com dois grupos de folguedos denominados "Pretinhas do Congo".

*Oh Pretinhas de Congo Qual era tua nação?*

*Nós somos da raça negra, Traçamos no pavilhão.*

Dentre os personagens, por seu número, destacam-se as "pretinhas", que dão nome ao grupo: são adolescentes e crianças do sexo feminino, vestidas com saias encarnadas e blusas pretas curtas (deixando expostas parte do tronco e das coxas). Escurecem o rosto para ocultar a cor da pele pois poucas seriam as realmente negras. As cabeças cobertas por um lenço amarrado. A maioria usa brincos de argola e colares. Cada uma das "pretinhas" traz na mão um maracá de flandres, e preso a uma orelha um pequeno cachimbo e uma rosa de papel. A maior parte da coreografia e do canto cabe às pretinhas.

Além das "pretinhas", parte da composição do grupo figura numa loa: "*tem rei, tem rainha e também tem vassalão*". O rei e a rainha usam trajes coloridos, trazem coroa, cetro e espada, tal como os reis e rainhas dos maracatus, mas não têm a umbrela para realçar a majestade. Os vassalões vêm logo atrás dos reis. São dois meninos que representam crianças indígenas. Na apresentação de 1977 faziam um recitativo, que lhes era exclusivo e executavam também uma coreografia, de que os outros personagens eram apenas assistentes.

O tirador de loas, que marcha no meio dos cordões, atrás dos vassalões, é o mestre do folguedo. É da sua responsabilidade a organização geral, a saída do grupo à rua nos carnavais e em outras festas, e durante a apresentação mantém a disciplina, tira loas, determina as coreografias, corrige a orquestra.

A orquestra, que fecha o cortejo, é composta à base de percussão - ilus e caixas.

*Aguarda cacimba morica que já vem secretário vamos festejá-á à a virgem do Rosário.*

Enquanto os grupos tradicionais vão desaparecendo em decorrência da falta de apoio do empresariado e dos órgãos governamentais, há sempre dinheiro para a contratação de trios elétricos e para o patrocínio de festivais para-folclóricos, ditos folclóricos, com a agravante de serem cópias pífias, sequer originárias dos municípios. ❀

# O samba de maracatu

**Maria Alice Amorim**  
jornalista

**O** maracatu rural, ou de baque solto, organiza os preparativos de carnaval durante os seis meses que o antecedem, e a reunião máxima desse período é a sambada, embate poético entre dois mestres de grupos diferentes. Na realidade, o objetivo da reunião é o ensaio dos brincantes, porém termina sendo pretexto para um valor mais alto se mostrar: um verdadeiro torneio de repentistas, à semelhança da cantoria de viola.

MARIA ALICE AMORIM



O mestre de maracatu é o poeta do grupo, aquele que improvisa versos nos ensaios e apresentações de carnaval. Imponente, também se distingue pela vestimenta



MÁRIA ALICE ASSIS

Na cerimônia da trincheira, no domingo de carnaval, as baianas do coro portam-se ao lado do mestre sambador e respondem, em falsete, às toadas do poeta do grupo

Quando chega setembro, com o estio e a colheita da cana-de-açúcar vem a inquietação da cabocaria. O rebuliço mais uma vez se instala, e já se ouve ao longe não apenas o assobio e o cantarolar dos aficionados, nem somente o chocalhar da maquinada, mas a voz dos mestres que protagonizam os embates no próprio terreno ou, quando convidados, no dos outros. Começa a temporada de ensaios, que, conforme as condições do grupo, pode variar de um simples ensaio de sede ou de barraca a uma sambada pé-de-parede.

Os ensaios de mestre já são uma prática antiga ao longo do período que antecede o carnaval. Assim como os bordadores precisam preparar as arrumações (fantasia completa da cabocaria), assim como os caboclos devem sair pelas ruas e estradas com o surrião às costas em preparo físico (também por obrigação religiosa), o brinquedo precisa de momentos de reunião em torno do mestre, do terno e dos músicos para fazer o aquecimento em vista da proximidade de mais um carnaval.

Acontece, porém, que essas reuniões adquirem um sabor especialíssimo, transformando-se num momento indispensável à poesia dos mestres de maracatu. É lá, nos embates noturnos, que a verve do poeta faz a platéia delirar. Diferentemente das apresentações de carnaval, em que, apesar de

o público aguardar ansiosamente os bons mestres e vibrar com tiradas poéticas inteligentes, o tempo é limitado e o fato mesmo de subir no palanque da federação cria uma certa obrigação de tecer loas às autoridades presentes. "São duas marchas, dois sambas, adeus e até logo", conforme definição precisa do dono do Maracatu Leão de Ouro de Nazaré da Mata, Manoel Coelho da Silva. É, portanto, durante os seis meses antecedentes do tríduo momeco que a poesia corre solta nos ensaios e a fama dos grandes se consolida.

Para chegar à poética dos mestres repentistas, vejamos, antes, como é o ambiente em que ocorrem as pelejas. Quando se trata de ensaio na sede do maracatu, de antemão apenas o mestre e o contramestre cantam, tocando o terno (percussão) e os músicos (sopro) do grupo nos intervalos entre uma estrofe e outra. Os folgazões comparecem trajados livremente, apenas um bastão de madeira marchetada à mão fazendo as vezes da lança. As baianas também chegam com roupas leves, dispostas a dançar e atuar no coro. Os demais brincantes da mesma forma se engajam no ensaio, e vai uma menção especial para o Mateus, que não está

fantasiado, mas se apresenta com as palhaçadas típicas do personagem. Se na platéia há algum mestre de outro maracatu, por especial deferência ele é convidado a cantar durante um certo período. Vale ressaltar que nos ensaios de sede, em que não existe convidado previamente estabelecido, o clima não é de desafio. Cada mestre canta, separadamente, versos improvisados ou mesmo balaios.

Num ensaio deste porte, a audiência é modesta, restringindo-se à vizinhança e a um ou outro visitante. A diretoria decide se coloca bebidas à venda, para angariar fundos; ou se se associa a algum bar da vizinhança em troca de apoio financeiro para o carnaval. Gambiarras e enfeites coloridos apontam o local da festa. Um megafone ou carro de som amplifica a voz poética. Na sambada, que normalmente acontece em rua mais espaçosa, num cruzamento ou bar próximo à sede e frequentado por folgazões e diretores, a empreitada é de maior porte. Cada qual com a sua orquestra, dois mestres - e aí dificilmente entram dois desconhecidos do público ou tidos como poetas fracos - seguram a peleja até o dia amanhecer, num autêntico e concorrido pé-de-

parede, revelando a sintonia com o verso e a platéia, dessa vez bem mais variada - folgazões, outros brincantes, diretores, vizinhança, aficionados, comunidade em geral.

Quando acontece uma sambada, o clima é de muita satisfação e brincadeira. Todo mundo disposto, dançando. Os caboclos fazem acrobacias, saltam, se agacham, muitos deles dois a dois como se estivessem em luta corporal. Um bom número de participantes de outros maracatus se engaja no samba e a preparação mobiliza a comunidade, os iniciados, os políticos (muitas vezes, os patrocinadores do evento, especialmente em ano eleitoral) e interessados de toda ordem que, dependendo do fôlego, acompanham até o final.

Por volta das nove da noite, o apito do mestre começa a chamar os versos, mas a poesia só começa mesmo a aparecer na madrugada, após o intervalo da cachaça. As primeiras estrofes se destinam aos cumprimentos e aos pedidos de bebida. Depois de invocadas as musas, vêm os melhores sambas, principalmente a modalidade chamada de samba curto (em sextilhas), que, segundo os experientes folgazões, é o mais difícil e o que melhor testa a capacidade do improvisador.

Saber cantar qualquer assunto é um dos requisitos para que o poeta sobressaia. Ciência, conhecimento geral, futebol, atualidades, viagens, tudo é válido para enriquecer o verso. Claro, sem esquecer que a experiência decanta a poesia. Como sambou na federação de Nazaré da Mata, no carnaval de 2000, João Antônio da Silva, o famoso João Linoeiro, mestre há 16 anos: "Quanto mais antigo eu fico/mais a toada é bonita". A voz forte e ritmada, que Linoeiro possui, também é item indispensável ao sucesso do tirador de sambas (um aspecto curioso é a nomenclatura utilizada no ambiente do maracatu: samba, sambada, sambador, sendo este um dos tantos aspectos a serem investigados).

A toada, mencionada nos versos acima, significa a melodia que acompanha o gênero poético e traz variações de mestre para mestre. Já nos anos de 1949 a 52, o pesquisador César Guerra Peixe, em *Maracatus do Recife*, afirma que o maracatu de orquestra não tem toada, como os maracatus nação, e, sim, loa. Podemos chamar de mestre de toada àquele do maracatu rural, conforme mesmo a denominação fornecida por Câmara Cascudo, e inclusive por aquela utilizada no ambiente da cantoria. Mas, o mestre também canta loas às autoridades e assistentes, normalmente

### Não há como negar a presença da tradição ibérica medieval na oralidade poética que se fixou no Nordeste

com versos cheios de clichês. A verdade é que, no maracatu, assim como na viola, a toada é importante para identificar e qualificar o poeta, e igualmente os gêneros poéticos.

É evidente na cantoria dos mestres de maracatu o entrelaçamento com a cantoria de viola. A mesma tradição oral, o mesmo espírito de embate, as formas fixas, a rima e o metro. Até mesmo a nomenclatura recorrente: pé-de-parede, balajo, viola, martelo, gêmeadeira, gabinete, coqueiro da Bahia, "o que é que me falta fazer mais", conforme as estrofes adiante transcritas. Não há como negar a presença da tradição ibérica medieval na oralidade poética que se fixou no Nordeste. É até comum a participação dos mestres de maracatu em outras brincadeiras que tenham a presença da poesia oral, como a ciranda, o coco de embolada, o coco-canção, as tribos de índio da Zona da Mata Norte (a exemplo do Índio Brasileiro, de Buenos Aires - PE), sem esquecer, claro, a viola.

Memorável a sambada, em Nazaré da Mata - PE, no final de 1997, entre os mestres João Paulo, de Nazaré, e Zé Galdino, de Buenos Aires, este último também mestre de ciranda e violeiro, do que se valeu o primeiro na temática dos versos com o fim de derrubá-lo:

**João Paulo**

*Chamei viola  
você não tá entendendo  
no martelo surpreendendo  
João Paulo tá na carreira  
chamei pra gêmeadeira  
e Galdino tá gemendo*

**Zé Galdino**

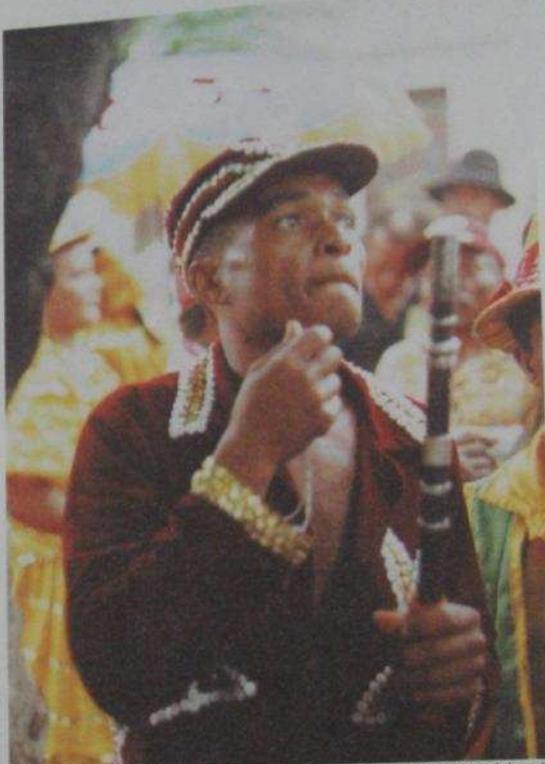
*Já fui um idolo  
da torcida do Bangu  
mas vi um maracatu  
guardei a calça na mala  
bati de mão a bengala  
só pra viver dando em tu*

**João Paulo**

*Chamei você  
pro coqueiro da Bahia  
mas você nada queria  
porque não acompanhava  
quando eu ia tu voltava  
quando tu voltava eu ia*

**Zé Galdino**

*Eu no São Paulo  
fui o rei do Morumbi  
dei muito no Guarani  
desclassifiquei Palmeiras  
pendurei as chuteiras  
pra dar em você*



O mestre usa apito para marcar a pausa dos músicos e, na outra mão, uma batuta, chamada bengala

**João Paulo**

*É na viola  
que eu quero deixar tu roxo  
eita que poeta frouxo  
vou lhe meter o cacete  
se pratico gabinete  
ai é que leva acocho*

**Zé Galdino**

*Eu no Flamengo  
joguei com Zico e Bebeto  
comecei samba correto  
deixei o campo e a bola  
agarrei minha viola  
e comecei sanbar completo*

**João Paulo**

*E na viola,  
Galdino, eu sou seu pai  
na ciranda eu vou atrás  
quando tu canta, tu cola  
sei de tudo na viola  
e o que falta eu fazer mais?*

O mestre João Paulo prova, com o jogo de palavras em torno de gêneros poéticos da cantoria, que também entende do ofício. A modalidade é a

podem não se referir ao divertimento". Outro depoimento não menos desprezível é o do contabilista do Banco do Brasil, falecido no domingo de carnaval do ano passado, o nazaréno Berlando Raposo (1916-2000), que, ao rememorar as vivências de infância e juventude, lembra que "os maracatus 'camponeses', assim como os cantadores nordestinos, herdaram as cantorias portuguesas que, no maracatu rural, chamam de 'martelo'. Como na poesia, o 'martelo' tem ritmo, cadência e melodias próprias que, nos desafios, terão que ser respondidos no mesmo tom e no mesmo gênero do desafiante."

Raposo demonstra ainda mais conhecimento acerca do assunto ao citar mestres famosos de maracatu de Nazaré: Zé Bagadu ("um homem baixo de bigodes louros"), Zé Boló e Zé Biúno. E vai mais adiante, citando exemplos "dessa poesia singela e tosca". Uma das estrofes relembradas - quadrão, gênero recorrente nas cantorias de viola - é bem conhecida entre os antigos, na qual um certo mestre faz alusão a um outro que gozava de suposta proteção do diabo:

*Eu tava  
lá em Cachoeirinha  
na beira da linha  
quando o trem passou  
eu vi  
um carro de 'martelo'  
que veio do inferno  
que o diabo mandou*

Sérgio Veloso, o Siba do grupo musical Mestre Ambrósio, cita uma variante dessa estrofe, para ilustrar uma das formas antigas da poesia de maracatu, o gênero conhecido por finção, composto de versos mistos com duas e cinco sílabas em oito linhas:

*Eu tava  
na beira da linha  
comendo farinha  
quando o trem passou  
eu vi  
um balaio de martelo  
que veio do inferno  
que o diabo mandou*

Outras formas praticadas antigamente eram o martelo (décima), já mencionado por Berlando, e a marcha, esta composta por quadras em geral não improvisadas, cujo coro responde ao fim de cada distico, e da qual Guerra Peixe questiona a existência, quando se reporta a "cantos de marcha" citados por vários autores, pois, segundo ele, não havia coincidência entre a terminologia musical e o ritmo

Entretanto, ainda hoje existe o gênero chamado de marcha. As sambadas sempre começam com ela e arrematam com samba de seis, a prova de fogo do mestre. Berlando Raposo recorda uma marcha, e a réplica do adversário, cantada numa sambada, em que o tema são os engenhos de açúcar de Nazaré:

*Vou falar em quatro engenhos  
quatro engenhos na beira da linha  
Pedregulho, Babilônia  
Alcaparra e Alcaparrinha*

*Vou falar em outros quatro  
para completar sua história  
Junco, Felicidade  
Caculé e Pirapora*

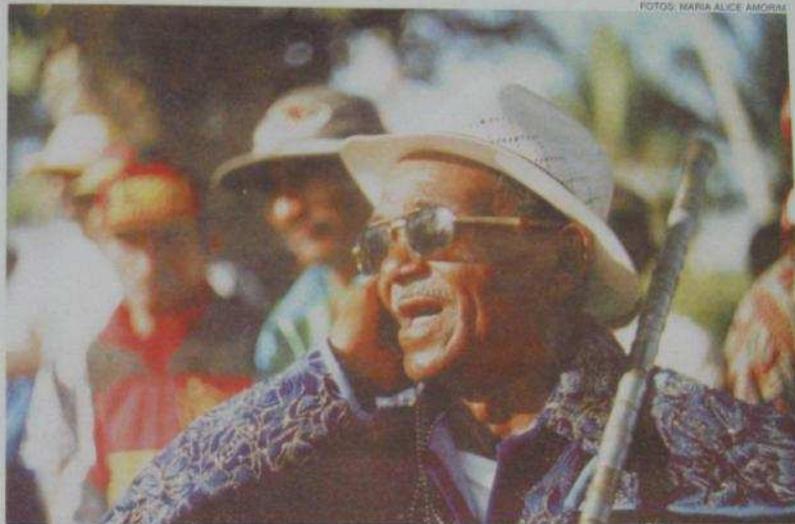
Katania Real credita ao "mestre das toadas" um papel de liderança, respeitado pela própria diretoria. "É ele quem 'ensaia' (...) durante os meses antes do carnaval." E ressalta o fato, anteriormente observado por Guerra Peixe, de que "esses maracatus rurais tocam vários ritmos, coco, bunião, frevo e samba, e que muitas das 'toadas' são inteiramente de improviso, na tradição dos emboladores".

Não só de emboladores, diria que, hoje, sobretudo na tradição da viola. Os versos de maracatu que eram identificados como martelo remetem ao gênero popularíssimo de décimas de dez sílabas, com esquema de rima em ABBAACDDC, tradicionalmente encontrado na décima de sete sílabas (redondilha maior), um dos modelos mais utilizados na poesia popular, dela derivando vários outros estilos. É este o modelo adotado no samba de dez ou samba comprido do maracatu, em que o coro repete a 5ª e a 6ª linhas, conforme cantou Zé Galdino:

*João Paulo, sacuda em mim  
todo assunto que tiver  
toda rima que quiser  
que a minha não tem fim  
foi Deus quem me fez assim  
ligeiro igualmente um raio  
você cantando balaio  
e eu cantando improviso  
nem esquento meu juízo  
nem cambaleio e nem caio*

Entretanto, fugindo da amarração na 6ª linha, há sambas que são amarrados na 3ª e 4ª, apresentando-se, assim, sob a forma de quadão (oitava). Salustiano, do Piaba de Ouro, é quem dá o exemplo:

*Bomito é de madrugada  
nas praias de Itapissuna  
que a gente avista as saínas  
se voando dentro d'água  
vento forte maré braba*



FOTOS: MARIA ALICE AMORIM



O mestre canta com a mão em concha sobre um ouvido, à moda dos bardos ancestrais. Na trincheira ou chegada, vai chamando os brincantes um a um, em dupla ou em grupo, os quais fazem acrobacias coreográficas, reverenciando o poeta e apresentando-se para começar a brincadeira de carnaval.

*não apaga o candeeiro  
mais de vinte canoero  
pescando de facheada*

No galope, definido pelos próprios mestres como "meio marcha, meio samba", a estrofe é em sextilhas, com amarração na 2ª linha. Ou seja, o coro repete as 1ª e 2ª linhas, cantadas em ritmo de marcha e os outros quatro pés em ritmo de samba curto.

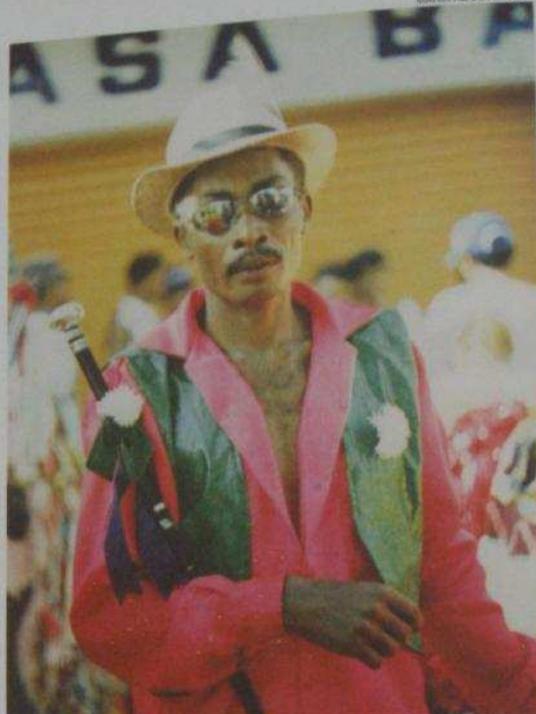
"Mestre de maracatu tem que ser poeta", reitera Berlando Raposo. O que não é nenhuma extravagância, levando-se em consideração a produção poética conhecida e a fama que certos mestres atraem para si próprios. É o caso de Bagadu, muito conhecido também entre os coquistas. Zé Neguinho é um deles, o qual conviveu, na infância, com a fama e maestria de Zé Bagadu, também no coco. "Era

acompanhante de coquistas, no refrão e no tamanco. Era o maior sambador de coco de tamanco, não tinha cimento que não quebrasse."

Há diversos outros exemplos de poetas de maracatu com livre trânsito em outras brincadeiras que levam poesia nos ingredientes. Baracha, por exemplo, que emborcou o terno de muito mestre, era também cirandeiro afamado. Deda de Nazaré canta viola,

embola coco e mestra maracatu, Birrinho, Cobrinha, Dedinha, Antônio Alves, Manuel da Paixão e Manuel Veríssimo, os dois últimos já falecidos, são poetas que honram a batuta. Afinal, tradição é tradição e não pode ser maculada. Diferente da poesia de viola, no maracatu, como no coco e na ciranda, a poesia não é a única atração da brincadeira, mas fornece um tempero forte aos outros participantes e assistência. O que corrobora a importância do poeta no grupo, e, mais ainda, a importância da tradição da poesia oral nessa camada da sociedade.

"O mestre é o poeta, sem ele o maracatu não sai", enfatiza um deles, José Sinfônio de Lima, 55 anos, 32 mestrando. É afinal, o que faz o mestre? Comanda toda a brincadeira, bengala à mão direita, a esquerda em concha sobre o ouvido, à moda dos bardos ancestrais, puxando os gêneros poéticos peculiares. É uma tradição que não foge à dos repentistas, dos mestres de ciranda, dos tiradores de coco: incita o improviso inteligente, atrai os apologistas, consolida-se a fama dos autores de versos bem construídos. Participando de sambadas concorridas, alguns mestres de maracatu têm-se transformado em figuras lendárias, a exemplo de violeiros famosos. O poeta sambador é figura indispensável na brincadeira. Quanto maior, melhor.



O cravo branco na lapela e na batuta, esta cheia de anéis, guarda segredos de ordem religiosa

## Glossário

**cabocaria** - caboclos de lança  
**balalaio** - versos decorados cantados por mestre de maracatu, violeiro, coquista  
**bengala** - batuta do mestre  
**ensaio de sede** - ensaio do maracatu em que o mestre improvisa os versos sozinho, sem embate poético com outro  
**maquinada** - chocalhos que os caboclos de lança levam às costas presos numa moldura de madeira coberta com pele de carneiro sintética. O mesmo que **surrão**  
**mestrar** - comandar a brincadeira na condição de poeta, de mestre  
**pé-de-parede** - cantoria em que um público selecionado sugere motes e temas para os cantadores, e de onde saem os melhores versos, diferentemente das programações oficiais, como congressos de cantadores, nas quais diversas duplas desenvolvem, em tempo cronometrado, temas e gêneros sorteados pelos organizadores  
**sambada pé-de-parede** - é a sambada, a cantoria dos mestres de maracatu, em que "um mestre encalca o outro"  
**surrão** - vide maquinada

## Breve nota sobre o maracatu rural

Diferente do maracatu nação ou de baque virado, o maracatu rural ou de baque solto não descende exclusivamente da instituição dos reis de congo. É um resultado da fusão de manifestações populares - cambindas, bumba-meu-boi e cavalo marinho, coroação dos reis negros. Há um cortejo real, personagens "sujos" (Mateus, Catarina, burrinha, babau, caçador), um baianal, damas de buquê, dama do paço, calungas, caboclos de pena e de lança.

Tem forte tradição na palha da cana, sobretudo na Zona da Mata Norte, em Pernambuco. Na década 30, com a migração dos rurícolas para áreas urbanas, esse tipo de maracatu começou a aparecer no Recife, e hoje podemos encontrá-lo na Mata Norte, Mata Sul, Região Metropolitana e até na Paraíba. A música é feita com instrumentos de sopro e percussão, e o mestre entoa versos improvisados e decorados, mas não acompanhado do instrumental.

A orquestra pára e o mestre entra, a cada vez, com uma estrofe das toadas e loas que desfilam ao longo da apresentação. O visual é muito bonito, sobretudo dos caboclos de lança, que se vestem com mantos (chamados de gola) bordados com lantejoulas, missangas, vidrilhos e canutilhos. Na cabeça, um chapéu coberto com tiras coloridas de papel celofane. Na mão, uma lança pontiaguda forrada com fitas coloridas que pendem ao longo dela.

## BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, Átula & ALVES SOBRINHO, José, org. *Marcos*. Campina Grande: Editel, 1981.

BENJAMIN, Roberto Emerson Câmara. *Maracatus rurais de Pernambuco*. In: PEL-LEGRINI FILHO, Américo, org. *Antologia de folclore brasileiro*. São Paulo: Edart; Belém: UFPA; João Pessoa, UFPB, 1982.

BORGES, Jorge Luis. *El Martín Fierro*. Buenos Aires: Emecé; Madrid: Alianza, 1983.

CÂMARA CASCUDO, Luís da. *Dicionário do folclore brasileiro*. Rio de Janeiro: Ouro, s.d.

CAMPOS, Geir. *Pequeno dicionário de arte poética*. Rio de Janeiro: Ouro, 1965.

COUTINHO FILHO, F. *Violas e repentistas*. Recife: ed. autor, 1953.

GUERRA PEIXE, César. *Maracatus do Recife*. São Paulo: Irmãos Vitale; Recife: FCCR, 1980. Col. Recife, v. XIV.

PINTO BANDEIRA, F. B. & A. de V. *Poética compilada de Hughes Blair e outros*. Recife: F.F. Alves de Albuquerque, 1882.

REAL, Katarina. *O folclore no carnaval do Recife*. Recife: Massangana, 1990.

SOUTO MAIOR, Mário & DANTAS SILVA, Leonardo, org. *Antologia do carnaval do Recife*. Recife: Massangana, 1991.

TAVARES, Bráulio. *Cantoria: regras e estilos*. Olinda: Casa das Crianças de Olinda, s.d. \*

# História de Maracatu

Sérgio Veloso  
Siba, do Mestre Ambrósio

**A**cordou cedo, tomou um copo de café, comeu cuscuz com carne de charque e algumas bolachas. Sentou na porta da casinha onde vivia com a família há muitos anos, nas terras do engenho onde trabalhava. Era um dos últimos a permanecer naquela condição de morador pois as usinas famintas de cana andavam expulsando quase todos para os arredores das cidades da Mata Norte. Não ganhava quase dinheiro mas podia plantar milho, feijão e mandioca no pouco terreno que lhe arriava a casa, além de criar algumas galinhas e aproveitar as safras generosas de jaca e manga.

Sentou-se perto da porta. Acendeu o cachimbo pequeno, pegou lembrando.

Desde rapaz brincava de Caboclo de lança no Maracatu de um primo, depois seu compadre quando do nascimento do primeiro filho. Conheceu Maracatu no tempo que era brincadeira perigosa, cheia de mandinga e magia, tempo onde pai e filho, brincando de Caboclo, podiam até brigar sem se reconhecerem. Tempo onde encontro de duas nações era briga certa, com feridos e até mortos. Tempo onde se saía de casa sem saber se voltava na madrugada da terça-feira.

Lembrou também as muitas noites que já saíra batendo surrião com os companheiros. Surrião pesado nas costas, guiada só com umas fitas na ponta, faca na cintura, dois goles de cana e chapéu na cabeça. Gostava de ouvir os chocalhos; a "matinada" batendo forte e seco, cada uma em seu compasso. Às vezes, sem combinarem, acontecia de baterem todos juntos, no mesmo compasso de caminhada. Desse jeito podia andar léguas sem sentir cansaço. Preferia sempre os caminhos solitários, as estradinhas no meio do carnaval, as vilas pequenas.

Gostava de chegar tarde no domingo de Carnaval. Nesse dia, os Maracatus fazem a cerimônia de chegada dos Caboclos no terreiro, a "Trincheira". Aparecia sempre depois de muitos já terem feito sua chegada e apertado a mão do Mestre. Bom era "bater pau" com o Mestre Caboclo e os Bocas de Trincheira. Chegava de mansinho, me-



Seu caboclo de lança na zona canavieira é uma tradição prazerosa para os folgozes, que pintam o rosto com urucum e se enfeitam com lenços e vestes coloridas, perpetuando o costume dos pais

xendo devagar, caindo de quando em quando. Tinha um jeito próprio de manobrar a guiada, a vara sempre perto do corpo, os movimentos lentos e contidos, o bote ligeiro sempre pronto se necessário.

Há duas semanas não dormia com a mulher. Sempre respeitara os preceitos, conhecia as histórias antigas de gente que se perdia, ficava doente ou mesmo endoidecia antes de chegar na sede do Maracatu, por não ter se preparado direito. Ele mesmo presenciara várias vezes isso acontecer.

Três dias de Carnaval sem tocar em aguardente, banho de limpeza antes de sair e a ajuda de um Mestre forte que o acompanhava sempre... Não havia esquecido de nada.

Entre o não esquecer de preparativos e o lembrar do passado, passou-se a manhã. Puxou água da cacimba, tomou banho, almoçou e vestiu-se sem pressa, cuidando de cada detalhe com atenção. Sapatos, meias, calça, ce-roula, camisa, lenço na cabeça.

Enquanto se vestia, lembrou ainda das histórias dos antigos que tomavam Azogue e pulavam de costas pela janela, com Surrião, Guiada e tudo. Não aprendera como fazer isso mas achava bonito, ficava imaginando como devia ser...

Melou a cara de Urucum, deu mais uma olhada nos nós das uzias do surrião, conferiu a amarração da gola sobre ele e jogou tudo por cima do corpo abaixando os ombros um lado

de cada vez. Revirou a gola para que cobrisse toda a frente do seu corpo e ajeitou na cabeça o chapéu coberto de tiras finíssimas de celofane vermelho e amarelo cortadas e coladas por ele mesmo. Guiada na mão, uma oração, saiu de casa da mesma maneira que saía todos os anos desde quando era ainda jovem: Um pouco abaixado para poder passar na porta da casa pequena, caindo desmanchado no chão com quem espereita perigo, os chocalhos virados um pouco para cima. Esparramado no chão, um leve balanço no corpo a dar sinal de vida, um último pedido de proteção.

Ganhou mundo. Ia dar umas voltas pelas poucas casas da vizinhança e pela cidade próxima. Os amigos sempre o ajudavam com algum trocado para não passar o Carnaval com o bolso vazio.

Andou pelas redondezas, cumprimentou um ou outro, parou aqui, acolá, seguiu caminho para a sede do Maracatu. Já era hora.

Antes de chegar na sede, ainda lhe veio na lembrança a história de Biju de Mônica, que desaparecera logo depois de sair de casa e só voltou um mês depois, transfigurado e sem fazer idéia de por onde andara. Gola, surrião, guiada, chapéu, tudo havia sumido e ninguém nunca encontrou. Só sabia que de repente, andando só por uma estrada de barro antiga do engenho, apareceu na sua frente uma imagem aterradora que só poderia ser a do Diabo. Deixou de brincar e nunca contou a ninguém os detalhes do acontecido.

Coisa misteriosa esse tal de Maracatu... Mudou de pensamento pois já estava perto do terreiro e encontrou o brinquedo já se formando, o Terno batendo ligeiro, o Mestre cantando bonito, recebendo os Caboclos um por um. Dois Caboclos de Pena já haviam chegado também e as Baianas já estavam quase prontas para completar a Nação. Fez a chegada macia de sempre, procurou seu lugar no cordão.

Não faltara nada em seus preparativos... seria mais um carnaval de paz na brincadeira de guerra.

São Paulo, 25 de janeiro, 2001



Katarina Real, agachada, entrega espada, ofertada pela Comissão Pernambucana de Folclore, ao rei do maracatu Porto Rico do Oriente, Eudes Chagas, no carnaval de 68

# A grande vitória o Carnaval de 1968

Katarina Real

antropóloga

**D**urante o mês de janeiro e princípios de fevereiro, raramente me encontrava com Eudes. Sabia que ele andava muito ocupado ensaiando o maracatu e preparando as fantasias para o carnaval de 68. Mas a lembrança da noite da coroação e do desfile pelo Centro ficou como um deslumbramento em minha memória.

A única notícia que soube do Porto Rico do Oriente veio através de uma reportagem no *Jornal do Commercio*, de 13 de janeiro, sobre os bombos que Eudes pretendia colocar no maracatu. O texto da reportagem, provavelmente escrito por Paulo Viana, saiu assim:

"O Maracatu Porto Rico do Oriente, inaugurado em 26 de março de 1967, com sede no Pina, traz para o carnaval de 68 uma novidade: seus bombos, em número de doze, são cada um, oferecidos a uma divindade ou uma autoridade do carnaval, trazendo o nome da pessoa homenageada pintado em seu couro. Os bombos chamam-se pela ordem: Barra-forte (homenagem ao vento), Rompe Mato (homenagem ao caboclo de xangô), São Salvador (homenagem ao Senhor do Bonfim), Maria Canindé (homenagem à cabocla xangô), Corisco e Trovão (em homenagem aos estados da Natureza), Veludinho (homenagem ao mais antigo tocador de maracatu do Recife, de 107 anos "SJC", do Leão

Coroado), Natividade (homenagem a um dos primeiros diretores da Federação Pernambucana de Carnaval), Santiago (homenagem ao compositor João Santiago), Catarina (homenagem à sra. Catarina Real), Besouro (homenagem à neta do sr. José Eudes Chagas, presidente do clube) e Ventania (homenagem ao caboclo de xangô)."

Fiquei muito sensibilizada ao saber que "Catarina Real" fora pintada num dos bombos, e, mais tarde, Eudes me explicou que meu nome aparecia no tarol, "porque tem o som mais alto como a voz de mulher!"

No princípio do ano, eu, também, estava muito ocupada tentando prevenir o desmoronamento total da campanha da Comissão de Folclore a fim

de conseguir um museu de carnaval pernambucano para o Recife. A imprensa nos havia dado um apoio generoso à nossa campanha, mas nos parecia que os ouvidos das autoridades continuavam completamente "moucos" aos nossos apelos!

Em 68, o carnaval cairia só no fim de fevereiro, mas, desde o começo do mês, as multicoloridas decorações carnavalescas já estavam enfeitando as avenidas centrais da cidade e, do nosso apartamento, escutava-se, dos alto-falantes lá embaixo, as novas músicas para o tríduo momesco gravadas pela saudosa Fabrice Rosenthal do Recife.

Eu havia decidido que cabia à Comissão Pernambucana de Folclore instituir um prêmio para ser conferido

à agremiação carnavalesca mais responsável pela preservação ou a restauração de uma tradição em perigo de desaparecimento. E claro que eu estava convencida que, em 68, o Rei Eudes e seu Porto Rico do Oriente mereciam ser os recebedores do primeiro prêmio.

Em janeiro, eu havia visitado Salvador, Bahia, onde passei bastante tempo admirando a beleza das peças de arte popular regional no extraordinário Mercado Modelo, localizado na Cidade Baixa. Numa tenda de artefatos do candomblé baiano, eu havia comprado duas espadas de luto brilhoso, peças da indumentária do Oxum Oxum. Ambas eram muito bem feitas, trabalhadas com desenhos de peixes, e tinham a aparência de "espadas de ouro". Achei que uma delas seria o presente ideal para dar a Eudes e seu novo maracatu.

De volta ao Recife, encomendei, de uma costureira, dois saquinhos com barbante dourado para abrigar as espadas, utilizando retalhos que sobravam da confecção do manto elegante que eu havia adicionado à fantasia da cabungu Dona Joventina.

Ao aproximar-se a noite do domingo, 25 de fevereiro, eu começava a ficar cada vez mais excitada. Os desfiles de domingo de carnaval sempre foram meus preferidos, pois, as agremiações mais "folclóricas" faziam suas apresentações naquela noite - os maracatus-nação e os "rurais", os caboclinhos e as tribos e a maioria dos clubes e blocos. Curiosíssima sobre a hora da apresentação do Porto Rico do Oriente, telefonei para João Santiago no DDC, sabendo que ele e Jofre de Andrade estavam em contato contínuo com todos os diretores dos grupos carnavalescos logo antes dos desfiles domingueiros. João



João Eudes Chagas, Katarina Real e o marido Bob (centro) na sede do maracatu Porto Rico do Oriente, no bairro do Pina

me informou que Eudes lhe havia dito que o maracatu pretendia desfilar às 21 horas, sem falta, para evitar ficar atrás das outras agremiações aguardando na fila para entrar na avenida.

As vinte horas daquela noite de domingo, Bob e eu estávamos tomando umas taças de vinho na sala da "Torre do Frevo". Eu estava pronta para sair para assistir ao desfile, vestindo um turbante amarelo e um conjunto estampado da mesma cor. Segurava na mão o saquinho de veludo contendo a espada de Oxum. De vez em quando, eu ia ao terraço para observar o que estava acontecendo na frente do prédio dos Correios e Telefones, onde estavam localizados o palanque oficial e um para os turistas. A noite estava linda, de céu estrelado sem nuvens, e uma multidão imensa

enchia a Avenida Guararapes aguardando o desfile das agremiações, mas não havia ainda nenhuma em vista.

Voltei à sala e pedi a Bob que ligasse a pequena televisão, preto e branco, que ficava no canto. Poucos minutos depois, fiquei horrorizada ao escutar o locutor anunciar, "Está entrando na passarela a primeira agremiação a desfilar esta noite, o Maracatu Porto Rico do Oriente, do bairro do Pina!" Saltei da cadeira, corri para o terraço, e, lá do outro lado da Ponte Duarte Coelho, avistei o Porto Rico iniciando suas evoluções coreográficas às vinte e quinze - e eu estava no décimo quarto andar de um prédio do outro lado da Ponte e poderia perder toda a apresentação do maracatu de Eudes!

Saí do apartamento em pânico, agarrando o saquinho com a "Espada de Ouro", e desci os dois andares até o décimo segundo, onde o elevador se encontrava. O elevador, lentíssimo, me deixou escapar na portaria, de onde saltei como um raio para atravessar a Ponte, correndo freneticamente.

O povo assistindo o desfile ficava em pé atrás de um grosso cordão de isolamento que se estendia ao longo da Avenida Guararapes, e, ao chegar ao outro lado da Ponte, descobri que havia dez fileiras de gente através das quais eu teria que me enfiar para chegar aos palanques. De uma maneira

muito deslembada, dando empurrões e cotoveladas, consegui chegar à beira do cordão, o que saltei, e precipitei-me, sem fôlego, na direção do locutor com o microfone em frente ao palanque oficial. Ele estava anunciando, "O Porto Rico do Oriente acaba de fazer sua última apresentação maravilhosa e está se despedindo do público."

Espantada, vi que o maracatu já estava se retirando lá no fim da avenida!

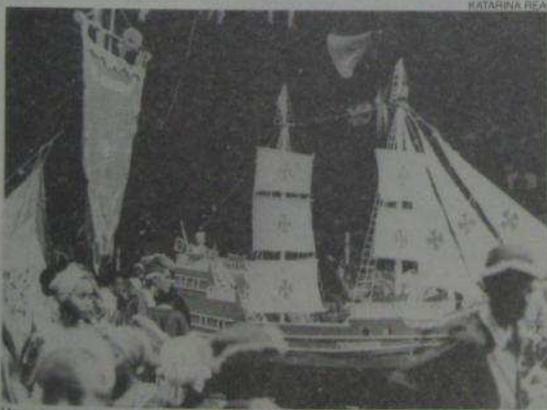
"Mande o maracatu retornar, pelo amor de Deus!", gritei ao locutor. "Tenho um presente importantíssimo para lhe oferecer!"

### A Comissão Pernambucana de Folclore o homenageava por ter sido responsável pela restauração de uma tradição folclórica em 1968

Ele me olhou, surpreso, e, dos alto-falantes ao longo da avenida, foi berrado o anúncio, "A antropóloga Katarina Real exige o retorno do Porto Rico do Oriente!"

Fiquei em pé ao lado do locutor para assistir à apresen-

tação carnavalesca mais empolgante que havia visto até aquele momento. Ao retornar o grupo, chegou primeiro a bela bandeira "da nação", de cetim vermelho, com a Cruz de Cristo e uma pequena caravela bordada em lantejoulas prateadas, flutuando à brisa vinda do Rio Capibaribe. Ao lado rolava, em rodas de bicicleta, a primorosa caravela "Santa Maria", toda iluminada por dentro. Logo depois, os doze batuqueiros, tocando um "baque-virado" fofoso numa síncope perfeita. As baianas de



Uma primorosa caravela, a Santa Maria, rola em rodas de bicicleta, toda iluminada por dentro

turbante, em número de vinte, rodando com suas saias coloridas de "chitão", e o "guarda romano", em número de dez, eram seguidos pela corte real. Na frente, a bonita Dama de Paço, saracoteando com a calunga Dona Inês de Castro, e, depois, o marquês e a marquesa, o conde e a condessa,

o duque e a duquesa e o príncipe e a princesa, todos com vestes luxuosíssimas. E, finalmente, apareceram o Rei Eudes e a Rainha Dona Mera, andando majestosamente debaixo do pálido, ou "umbrela", carregado por um "escravo". Eudes estava magnífico, num traje de brocado encarnado, com lantejoulas prateadas e outros adereços de realeza. Na mão, segurava seu espadim de Ogum.

Tive dificuldade em conter a emoção ao pegar o microfone para pedir que o maracatu parasse em frente ao palanque. Com Eudes e Dona Mera em minha frente, anunciei que a Comissão Pernambucana de Folclore desejava lhes homenagear com um prêmio por ter sido a agremiação carnavalesca mais responsável pela restauração de uma tradição folclórica em 1968. Depois, dobrei-me em reverência, e, estendendo as mãos, entreguei a "Espada de Ouro" para Eudes.<sup>27</sup>

Recomeçou o "baquevirado" incendiário enquanto o maracatu finalizava suas belas evoluções coreográficas antes de retirar-se ao som de um estrondo de aplausos pelo público que ecoava fortemente dos arranha-céus da Avenida Guararapes. Segui o grupo até o fim da passarela, onde os guardas abriram o cordão de isolamento para permitir que os figurantes passassem para misturar-se com a multidão da rua. O último a retirar-se foi o Rei Eudes, que, ao sair da passarela, virou, e, olhando para mim com aquele sorriso deslumbrante, levantou os braços e cruzou seu espadim de Ogum com a "Espada de Ouro" de Oxum. Depois, desapareceu. Fiquei com lágrimas nos olhos. Poucos dias depois, os jornais di-

vulgaram os nomes das agremiações vencedoras do carnaval de 68. E lá estava o Porto Rico do Oriente em primeiro lugar na categoria de maracatu-nação! Fui acometida de uma euforia incontrolável.

Infelizmente, tal euforia durou pouco, pois, num dos jornais, apareceu

com vontade de não botar o Leão Coroado no ano vindouro.

Fiquei chocadíssima! O que foi que houve com a promessa dele para não ter ciúmes do seu "irmão da seita" durante a reunião que tivemos no ano passado?

Telefonei para João Santiago. "O

maracatus. Tentei acalmá-lo, mas parece-me que foi em vão."

"Olha, João, estou muito perturbada pela situação. Por favor, mande meu compadre vir aqui ao apartamento o mais cedo possível. Precisamos resolver o caso, pois Eudes merecia aquela vitória, sem dúvida alguma!"

Naquela mesma tarde, chegou "Seu Luiz", muito compenetrado, pois ele bem sabia o motivo da minha intimação urgente. "Meu compadre, o que é isso que venho lendo no jornal sobre sua opinião do julgamento dos maracatus? Você não acha que o Porto Rico merecia ser o vencedor?"

"Ora, não foi isso não, Dona Katarina. Eu não tenho nada contra Eudes. Mas, como a senhora sabe, pelo regulamento da Federação Carnavalesca, uma nova agremiação tem que desfilar dois anos em seguida antes de filiar-se à entidade e concorrer ao julgamento. Este foi o primeiro ano do Porto Rico e não foi justo ganhar o primeiro lugar!"

"Mas, Seu Luiz, isso foi um caso muito especial. O Porto Rico do Oriente é "filho", ou descende direto, da Troça Rei dos Ciganos, que sempre foi um maracatu disfarçado, seguindo o conselho da sua madrinha, Dona Santa. E o Rei dos Ciganos filiou-se à Federação em 1938. Assim, o Porto Rico pôde aproveitar-se da continuidade do Rei dos Ciganos para filiar-se à Federação, sem ter a obrigação de desfilar dois anos antes de concorrer. Você não acha que tenho razão, meu compadre?"

Não sei se "Seu Luiz" estava convencido, pois era aparente que ainda ele estava em dúvida.

"Mas uma coisa que queria lhe dizer", continuei. "Não sei se você já soube que, este ano, a Comissão Pernambucana de

Folclore instituiu um prêmio, denominado a "Espada de Ouro", para ser conferido à agremiação carnavalesca que fez mais para restaurar ou preservar uma tradição popular. Neste carnaval, Eudes ganhou."



José Eudes Chagas recebeu, em 1968, uma "espada de ouro" da Comissão Pernambucana de Folclore, pelo restauo do maracatu

uma entrevista com Mestre Luiz de França, do Leão Coroado, na qual ele reclamava que o Porto Rico não devia ter ganhado o primeiro lugar. Desabafou que o julgamento dos maracatus foi muito desonesto e que ele estava

que é isso que "Seu Luis" vem dizendo pelo jornal sobre a colocação do Porto Rico pela comissão julgadora?"

"É um caso sério", disse João. "Ele esteve aqui no DDC ontem e deu uma bronca sobre o julgamento dos



Ao fundo, a bandeira da nação, de cetim vermelho, com a cruz de Cristo e uma caravela bordadas em lantejoulas. O grupo faz reverência na porta da Igreja

"Espada" pelo belo trabalho que fez, dando um novo maracatu à cidade - aliás, com sua ajuda e a de "Seu Veludinho". No carnaval do ano que vem, a Comissão pretende dar a você e ao Leão Coroado uma "Espada de Ouro" pelo seu trabalho abnegado na preservação das tradições dos maracatus-nação.

Fui buscar a "Espada" no seu saquinho para mostrar a "Seu Luiz". Ele examinou-a cuidadosamente em silêncio. Parecia-me que gostou, pois apareceu um sorriso fraco no seu rosto enrugado. Prometendo-me que não iria fazer mais reclamações pela imprensa sobre a vitória do Porto Rico, ele se levantou para sair e nos despedimos amistosamente com um forte aperto de mão.

\*\*\*\*\*

Chegara a época de passar nossas férias nos Estados Unidos. Eu estava muito cansada, e Bob me achava tão abatida que desejava me levar a um lugar para descansar, longe das minhas responsabilidades com a Comissão e o carnaval.

Antes de viajar, porém, tivemos que cuidar do lançamento da primeira edição de *O Folclore no Carnaval do Recife*, que, após uma demora de quase dois anos e uma série de empecilhos frustrantes, saíra do prelo no Rio de Janeiro. Eu havia entregado as provas finais à Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro naquela cidade em julho de 66, esperando que o livro fosse sair antes do carnaval de 67.

Não ficou pronto. Então, transféri as esperanças para um lançamento antes do carnaval de 68. Entretanto, só recebemos uns cem exemplares, via aérea, duas semanas depois da grande festa.

Mesmo decepcionados pela tardança da editora, Bob e eu decidimos organizar um lançamento muito simples no Teatro Popular do Nordeste, do saudoso teatrólogo e folclorista Hermilo Borba Filho, localizado naquele tempo na Avenida Conde da Boa Vista. Aquele lugar era muito frequentado por universitários e jovens da classe média e fora sempre meu sonho de incentivar a nova geração recifense a interessar-se pela pesquisa do carnaval pernambucano e das suas famosas agremiações populares.

Para a festa, encomendamos vários galões de batida de limão e umas bandejas de salgadinhos e quitutes regionais. Levamos ao Teatro a calunga Dona Joventina, requintadíssima nas vestes reais que eu havia encomendado a uma costureira, e nosso gravador Ampex para tocar fitas de músicas carnavalescas. O lançamento foi pouco concorrido, pois, depois do carnaval, não só os jornais, como também os próprios recifenses, geralmente encontram-se esgotados com o noticiário carnavalesco. Mesmo assim, a festa foi um sucesso, e deixamos alguns galões da batida que sobravam para os jovens que ficavam no Teatro tomarem depois da nossa partida.

Viajamos a Los Angeles logo depois. Na noite de 4 de abril de 1968, foi assassinado em Memphis, Tennes-

see, o grande líder negro americano, Dr. Martin Luther King. Ficamos abaladíssimos. A grande maioria do povo americano compartilhava nossa emoção de choque e dor. Em várias das grandes cidades, inclusive a capital, Washington, desencadearam tumultos e incêndios, provocados pela população negra revoltada.

Ficamos em dúvida se seria aconselhável voltar ao Brasil tão logo com nosso país num estado tão caótico. Bob estava com vontade de fazer doutorado em economia agrícola na Universidade da Califórnia em Riverside e achava que eu devia fazer o mesmo na Universidade da Califórnia em Los Angeles (UCLA). O problema era que as duas universidades ficavam a cem milhas de distância uma da outra naquela megalópole. Após muita discussão, resolvemos voltar à Universidade da Carolina do Norte para os doutoramentos, onde nós dois havíamos feito os mestrados em 60-61.

Terminadas as férias, em junho voltamos a Pernambuco, eu com uma profunda tristeza porque sabia que eu não poderia continuar na liderança da Comissão de Folclore, nem mesmo na pesquisa do carnaval que tanto adorava. Depois do assassinato de Dr. Martin Luther King, eu estava tão envergonhada pelo racismo e a violência no meu país que eu achava que não poderia mais enfrentar o povo mulato e mestiço das agremiações carnavalescas, nem os intelectuais e folcloristas recifenses que confiavam na minha capacidade científica para liderar a Comissão mesmo sendo de

nacionalidade estrangeira.

Não reuni mais a Comissão. Não tinha a coragem de admitir aos meus colegas folcloristas que teria que abandonar a luta pela preservação da nossa riquíssima herança folclórica em Pernambuco. Ainda mais, não queria que a imprensa, que seguia minhas atividades com muito interesse, divulgasse a notícia do meu retorno, possivelmente permanente, aos Estados Unidos, porque isto iria entristecer todos meus amigos do povo carnavalesco.

Com muita relutância, escrevi uma carta dolorosa a Renato Almeida, meu mestre e querido amigo, preclaro líder da Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro, pedindo meu afastamento do cargo de Secretária-Geral da Comissão. Outra carta com o mesmo pedido foi remetida ao genial professor Jordão Emerenciano, diretor do Arquivo Público Estadual e presidente do IBICC no Nordeste, que me empossara como secretária-geral numa bela solenidade havia um pouco mais de um ano. Ambos ficaram transtornados. Depois, fui visitar meu secretário-executivo, Dr. Valdemar Valente, no Setor de Antropologia do antigo Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, para lhe entregar todos os documentos da Comissão, o dinheiro que restava na tesouraria e a segunda "Espada de Ouro" para ser entregue a Luiz de França do Leão Coroado durante o carnaval de 69.<sup>4</sup>

Em dezembro, de coração amargurado, chamei o pessoal de Transportes Fink para vir embalar nossas coisas, inclusive muitas das alfaixas carnavalescas que havia pretendido doar ao sonhado Museu do Carnaval, que ainda não existia, mesmo depois das promessas em palco público do Prefeito Augusto Lucena e do governador Nilo Coelho.

No começo de 69, partimos do Aeroporto Guararapes, rumo a Belém e Miami e a nossa nova carreira universitária, sem sabermos quando poderíamos retornar ao nosso Recife.

#### Capítulo do livro inédito Um Rei de Maracatu-Nação: José Eudes Chagas

1. VER Beltrão, Luiz. "Os ouvidos moucos do Recife," *Jornal do Commercio*, 22 de janeiro 1967.

2. Ele, radiante, pegou o saquinho e restou a espada, levantando-a para o público admirar.

3. A fotografia deste momento, tirada por um fotógrafo desconhecido, aparece neste jornal.

4. Segundo "Seu Luiz", ele nunca recebeu a "Espada", homenagem da Comissão de Folclore por ter sido o carnavalesco que mais contribuiu à preservação da tradição folclórica dos maracatus. ✻

# Em busca da espontaneidade perdida

Elisabet Gonçalves Moreira  
professora e membro da Comissão Pernambucana de Folclore

ARQUIVO ELISABET MOREIRA



Nos anos 60 e 70, as escolas de samba, também chamadas de "batacadas", divertiam os foliões petrolinenses, a começar pelos ensaios meses antes do carnaval

O carnaval da cidade de Petrolina, um dos municípios mais distantes da capital do Estado, às margens do rio São Francisco, em frente à cidade de Juazeiro da Bahia, sertão e semi-árido, pretende ser, para este ano 2001 - com novo prefeito - um "resgate" dos antigos carnavais de rua, sem esquecer as incorporações das últimas décadas. Isto porque, durante os dias do carnaval do calendário oficial, nos últimos anos, nada acontece. Um grande feriado sem muitas opções para a cidade: apenas assistir ao carnaval da mídia televisiva ou participar de algumas festas em poucos bares. O carnaval morreu em Petrolina, concorda a maioria.

E o que caracterizaria esse antigo carnaval popular? Há 30, 40 anos, nas

ruas do centro da cidade, atrás das batacadas, havia muita gente, cantando, dançando, fantasiada ou não, havia os mascarados e pessoas vestidas com uma espécie de camisa bem larga, as chamadas mortalhas ou com macacões de frentistas de postos de gasolina, pequenos blocos, algumas figuras e foliões "folclóricos". Havia os desfiles em jipes abertos, principalmente às tardes, charangas, marchinhas e frevos, guerra de talco, crianças com "bombas" de água, compradas, de plástico, ou feitas manualmente, com canos largos. Principalmente na terça-feira "gorda", às vésperas da quaresma católica, a comemoração do carnaval, tão antiga como o mundo, era vivenciada com grande participação em dias mais tranquilos de uma pequena cidade interiorana.

Havia ainda bailes de clubes, os

da elite e os populares, bailes à fantasia, rei e rainha do carnaval. Por influência dos meios de comunicação, sem dúvida, além do próprio sucesso das escolas de samba do Rio de Janeiro, tidas durante muito tempo como a marca do carnaval brasileiro, de algumas batacadas locais originaram-se escolas de samba, principalmente na década de 70, a desfilar à noite, tentando imitar o luxo e até a nudez do carnaval carioca, com lugar reservado para os desfiles no centro da cidade, arquibancadas simples, concursos. Uma disputa que motivava a participação da gente pobre, dos operários, dos pequenos comerciantes e ofícios. Enfim muita animação, muita festa, bebida e alguns excessos, quando não alguns tiros pipocados...

Interessante observar que, para muitos, a diferença entre o carnaval de

Petrolina, sempre mais discreto, e o de Juazeiro, muito mais "solto" digamos assim, se deve à influência poderosa da Igreja Católica que, em Petrolina, por ser sede de bispado desde os tempos de Dom Malan, na década de 30, planejava para a época do carnaval "retiros espirituais" e uma exposição do Santíssimo Sacramento "condenando" essa festa de origem pagã, como um pecado a ser expiado. Inclusive, na hora da missa, rezada na catedral, bem no centro da cidade, não havia desfile ou cantoria.

Petrolina mudou, cresceu muito. Hoje, um dos pólos de desenvolvimento do estado, com os projetos de irrigação e a fruticultura de exportação, atraiu muita gente de fora. Os bairros se multiplicaram, a população está em torno de 210 mil habitantes. Também as comemorações do carnaval modi-

ficaram-se. Inventaram carnaval antecipado (em Juazeiro, geralmente uma semana antes, com artistas de axé music e trios elétricos de Salvador) e mi-caretas após o carnaval. A semelhança do Recife, criou-se, em Petrolina, o Petrofolia, grande evento nas comemorações do aniversário da cidade em setembro, a partir do seu centenário, em 1995, um verdadeiro carnaval fora de época, mas diferente: blocos de rua, com os disputados abadás, nada mais que uma camiseta e poucos adereços repletos de propagandas dos 'patrocinadores', alguns de preço proibitivo para grande parte até mesmo da classe média, trios elétricos e cantores de sucesso, a moçada a se divertir isolada por cordas e parrudos, seguranças, cada qual no seu bloco. Mas com muita gente assistindo à passagem desses blocos e bandas, em arquibancadas e camarotes, estes pagos naturalmente. Enfim, um grande e, sem

dúvida, lucrativo investimento, tanto que se estendeu pelos anos seguintes. Ainda assim a maioria continuou excluída. Principalmente para os jovens mais pobres, da periferia, os que não podem comprar o abadá, resta participar do "bloco da pipoca" ou do "eu sozinho", aquele que só pula de onde estiver...

Inclusive, para a geração em torno dos 20 anos, o que esses jovens têm na lembrança é o carnaval de Juazeiro, sempre mais animado e do outro lado da ponte, dos trios elétricos e das bandas de axé music. A desculpa que se deu para a não comemoração do carnaval em sua data era de que os trios e cantores de sucessos saíam muito caros pois as grandes cidades, e principalmente Salvador, eram o foco dos trios e do dinheiro. Como se carnaval para o povo de Petrolina fosse só o do trio elétrico, exportado e exaltado pela cultura baiana... Ou, ainda, argumentava-se que a cidade ficava sem ninguém, "que todo mundo vinjava". Ora, essa é uma visão estreita e elitista, pois, com as crises sucessivas dos últimos anos nesse país, ao contrário, apenas uma minoria privilegiada é que realmente viajava.

Esperava-se, da prefeitura, o apoio aos blocos populares, a uma programação, a um espaço, a condições de segurança e isso não era oferecido.



FOTOS: ACERVO ELISABET MOREIRA



No carnaval de 1957, "O quinteto do baby doll", em Juazeiro - Bahia (acima) e um corso com charanga, em Petrolina

Está provado que o pernambucano de Petrolina não é um folião desanimado (quando se compara com o baiano do lado de lá...) mas de tratar as festividades do carnaval de uma forma diferente, dando apoio a um evento de grandes proporções, numa cidade de porte médio, respeitando também os interesses e motivações dos menos favorecidos social e economicamente e que tem, nessas festas, seu momento de lazer e descontração. E de criatividade, improvisando fantasias e charges críticas da realidade. Aliás, bem o sabemos, a função do carnaval, como uma festa sobretudo de inversão dos papéis sociais, é também um momento de catarse coletiva.

Tanto que apareceu um bloco chamado de "Os que ficaram" no Petrofolia de 2000 com 450 participantes e que pretende, para esse carnaval,

reunir de 800 a 1000 pessoas, talvez o maior bloco da cidade. Juazeiro vai fazer o carnaval antecipado de uma semana e Petrolina na semana específica. Portanto, para quem tiver fôlego suficiente, dá para curtir um bom carnaval ribeirinho. Com a convocação dos carnavalescos para a programação oficial do carnaval de Petrolina, as inscrições estão em torno de 15 blocos que, pelo jeito, vão continuar a ser o "forte" do carnaval e o renascimento de pelo menos 5 escolas de samba, a depender do apoio da prefeitura. Além, é claro, das infalíveis bandas e cantores de sucesso. Enfim, pretende-se dar uma estrutura de apoio para que o carnaval volte a acontecer, reunindo a população, motivando a participação.

O carnaval será oferecido basicamente no bairro da Areia Branca, que reúne os bairros mais populosos, na

Avenida São Francisco, perto do bódromo, local construído para bares e oferta de carne assada de bode, uma grande atração de lazer e turismo, e no pátio da feira da Cohab Massangano, do outro lado da cidade. Estão programadas também prévias carnavalescas com bailes de máscaras e o baile municipal, onde serão escolhidos o rei Momo e a rainha do carnaval, até mesmo oficinas de frevo, exposição de fotos, barca da folia e outros eventos.

Por enquanto é tudo programação. Reviver os carnavais do passado, ou algumas de suas características, já levantou expectativas na comunidade, as pessoas estão se mobilizando, aguardando confirmações do apoio da prefeitura. Outras análises poderão ser feitas depois do carnaval deste início de século, desde que as intenções desse resgate das tradições populares carnavalescas não restem como caricatura ou como manipulação de interesses políticos, nessa vertente quase romântica e saudosista de uma volta ao passado, de um discurso que, quase sempre, se apropria do popular como axioma, quando se sabe que os tempos mudaram (haja vista a própria criação de escolas de samba nos moldes cariocas, guardadas as devidas proporções) e que o carnaval, hoje, tem outra feição. É uma festa de investimentos, onde se espera muito lucro, onde se movimentam o comércio, a indústria, o turismo, a prestação de serviços, a economia informal. Vamos aguardar e checar se Petrolina conseguirá ter seu carnaval realmente e com que feição entrará no milênio... ✪